

## Gestão para a felicidade - ou Thimpu do Butão

*Publicado no site em maio de 2006*

Lenta, mas gradualmente, cresce no mundo uma reflexão que proponho também aos leitores desta coluna. FIB ou PIB? Apenas uma consoante muda completamente a idéia de uma política pública: orientação da política econômica pela felicidade e não somente pelo crescimento econômico.

Observe que FIB significa Felicidade Interna Bruta, provavelmente conceito novo em todos os Municípios do Brasil. Que PIB seja Produto Interno Bruto certamente todos sabemos.

A proposta de medir a felicidade ao invés da riqueza de um país - ou de uma cidade, porque não? – vem se tornando um conceito de avaliação desde que o rei Jigme Singye Wangchuck, do Butão, pequeno país budista de menos de um milhão de habitantes, espremido entre a China e a Índia questionou se a felicidade interna bruta seria mais importante que toda a riqueza econômica do seu País.

Em seu PhD, o economista alemão Johannes Hirata, da Universidade de St. Gallen, Suíça, explora exatamente este tema. Sua pesquisa a partir de Thimphu, capital butanesa, relata que naquele lugar não há ninguém passando fome, os direitos das mulheres são respeitados, é pequeno o índice de doenças, a educação é gratuita até a conclusão do nível superior.

Mas as pessoas gostariam de ter um pouco mais de dinheiro. Eis aí o dilema de economistas e pensadores: como lidar com a felicidade, algo impreciso e subjetivo com o dinheiro, objetivo e exato?

Transportemos essa questão para os orçamentos públicos e sua execução, particularmente no item dos gastos com pessoal, em boa parte, senão na maioria dos órgãos públicos acima do tolerável, a ponto de produzir limitação em nossa Carta Maior.

Prejuízos na relação custo e arrecadação de taxas dos serviços públicos, nenhum investimento em atividades multiplicadoras de renda.

Políticas públicas repetitivas de assistencialismo, gratuidades, tolerância à inadimplência, práticas de corrupção, nenhuma política voltada a disseminar felicidade.

Ao se pensar em gestão pública, imediatamente imaginamos sistemas, métodos, repetimos a tese da necessidade de capacitação, reciclagem permanente, reformas nas instalações, bastante publicidade dos atos dos Poderes.

Ali, a população de olhos abertos, porém inativa, assistindo a minoria comandar todos os processos, como se o dinheiro utilizado para tudo não fosse seu.

***É sempre oportuno questionar nosso conceito de desenvolvimento, gestão pública, riqueza, participação e bem estar. De responder porquê você vive e está aqui.***

## Gestão para a felicidade - ou Thimpu do Butão

Como pensar em felicidade de um povo com famílias inteiras se alimentando de restos de cidades, inclusive em Lixões abomináveis?

Como resgatar o alto astral e dos cidadãos pela credibilidade nos homens públicos, que permanecem na auto proteção do corporativismo?

O que dizer de cidadãos conscientes que se omitem e assistem “anarquias cívicas”, ausentes da cobrança por limites responsáveis?

A questão, repito a sugestão, deve ser levada à reflexão entre felicidade e crescimento econômico. Ou entre aquela e benefícios individuais.

É sempre oportuno questionar nosso conceito de desenvolvimento, gestão pública, riqueza, participação e bem estar. De responder porquê você vive e está aqui.

Qual seu papel nesta sociedade, neste tempo, neste lugar? Eis o maior desafio: equilibrar a objetividade de preços, economia e ganhos de dinheiro com a subjetividade de ser feliz, aqui, hoje, agora. Quanto vale isso?

O envolvimento responsável dos cidadãos nas questões que afligem a cidade é desejável e deve ser estimulado.

Sem dúvida, a performance da gestão pública e a geração de riqueza são essenciais para a felicidade. Mas são apenas meios, não são o fim.

Os meios podem ser alterados, ajustados, reconduzidos – e se pessoas de bem, naturalmente desvinculadas de sentimentos individualistas, comprometidas com o presente e o futuro, perceberem o futuro possível e se fizerem

presentes ao clamor coletivo abafado e silencioso pela felicidade, poderemos acreditar que as cenas dos próximos capítulos, nos próximos anos, orgulharão a todos.

Em outras palavras, além de sistemas, métodos, práticas administrativas, enfrentamento com a inércia da estabilidade no serviço público, é preciso que os gestores apropriem em qualquer e todo tipo de planejamento o conceito da felicidade interna bruta, com foco e objetivo claramente definidos.

O dinheiro do povo aplicado na verdadeira busca de sua felicidade, ou seja, investir além das obras materiais.

Deixar algumas que possam esperar e aplicar no desenvolvimento das pessoas, no apoio às suas conquistas individuais, à sua evolução na consequência dessas vitórias. Repetindo-se o ciclo, maior a produtividade, maior a arrecadação, maior o voluntariado.

Melhor para todos, inclusive para os políticos e suas famílias.

A FIB alcançará todos, se cada um fizer a sua parte – este é um recado super especial para os gestores públicos -cumprindo seus deveres com a cidade onde está seu principal desejo: ser feliz. O lugar é o Brasil, sua terra. *Quem ama, cuida!*

por Nelson Eduardo